

## SAMUEL RAMOS: O LUGAR DO *PELADO* NA SOCIEDADE MEXICANA DO SÉCULO XX

Stéfanny Soares de Menezes Dias<sup>1</sup>

Este artigo é fruto de uma pesquisa ainda em desenvolvimento no mestrado, intitulada *Samuel Ramos e Manuel Gamio: Perspectivas acerca do Indígena na Construção da Identidade Nacional Mexicana Pós-Revolução de 1910*, no qual procuramos relacionar as obras destes dois autores referenciados – *El Perfil del Hombre y La Cultura en México*, de Samuel Ramos e *Forjando Patria* de Manuel Gamio – a fim de analisar como estes dois intelectuais perceberam o papel do indígena na construção da identidade mexicana, pós-1910. Infere-se que, em ambos os autores, as características instigantes na definição do ser mexicano são percebidas no indígena: Manuel Gamio o percebe como o pilar que sustenta a identidade mexicana; e Samuel Ramos o define como o principal causador do sentimento de inferioridade do qual padecem todos os mexicanos.

Manuel Gamio escreve sua obra em 1916, um período emblemático para a sociedade mexicana, pois um ano após seria promulgada a primeira constituição pós-revolução. Neste contexto de amplas discussões identitárias, que visavam a diferenciação daqueles aspectos defendidos pelo governo de Porfírio Díaz, os pensamentos de Gamio foram importantes marcos que auxiliaram para a inserção do indígena como ator sócio-histórico mexicano. Com estas discussões, vários pontos da constituição viriam a ser destinados à proteção dos indígenas, além das garantias de seus direitos – ainda que momentaneamente.

Apesar de sua importância para as discussões mexicanas, neste artigo optamos por referenciar apenas a visão de Ramos sobre o indígena, visto que procuramos entender porque este autor considera estes como os responsáveis pelo sentimento de inferioridade do mexicano. Samuel Ramos escreve em 1934, em meio ao contexto histórico denominado de *Maximato*, apenas vinte e quatro anos após a eclosão da Revolução e dezessete anos da promulgação da Constituição. Suas ideias sobre os indígenas vão contra as proposições de Gamio, pois percebia no indígena certa dificuldade e intransigência em admitir que foi influenciado por outras raças, afins e/ou europeias. Ao encarar os conquistadores europeus, no século XVI, o indígena não se opunha somente a outra raça, mas também à civilização europeia e à relação de dominação. A resistência do indígena, obstinada na época em que Ramos escreveu, foi explicada por este autor pelo sentimento negativo que os mesmos tinham para com a raça dominadora.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós Graduação da Faculdade História da Universidade Federal de Goiás.

Samuel Ramos esteve em contato com vários intelectuais que o influenciaram em seus estudos, direta e indiretamente. Segundo Arreola<sup>2</sup>, José de Vasconcelos foi o mais influente mestre de Samuel Ramos, devido à sua crítica ao modo de vida estadunidense e por seu interesse de pensar a “mexicanidade”; Ramos também teve contato com o professor José Torres Orozco, o qual, inicialmente, o encantou com as ideias de Herbert Spencer e o positivismo; outros influenciadores foram o professor Antonio Caso, que devido ao momento revolucionário, criticava o positivismo; além de Ortega y Gasset e Alfredo Adler, que o instigaram a pensar o sentimento de inferioridade.

Segundo Agustín Del Valle, em seu livro *Samuel Ramos – Trayectoria Filosófica y Antología de Textos*, Ramos se utiliza do ponto de vista de Alfredo Adler para explicar os tipos sociais mexicanos – o *pelado*, o mexicano da cidade e o burguês mexicano. Para Del Valle, Adler possui pensamentos próximos aos de Freud no que diz respeito à força que o inconsciente imprime no consciente. Ele afirma que,

[...] desde seus primeiros anos, a criança, pelo mero fato de comparar-se com os maiores que o superam, padece de um sentimento de inferioridade. Por sua vez, anseia liberar-se deste complexo e chegar à plenitude de sua natureza. No fundo desejaria substituir seu sentimento de inferioridade por um sentimento de superioridade. [...] O sentimento de inferioridade conduz a obstinação e à misantropia. (VALLE, 1965, p. 31)

Portanto, nota-se claramente que estes pensamentos corroboraram para a definição das ideias de Ramos no que diz respeito à personalidade do mexicano, visto que este, ao se comparar com as civilizações mais avançadas, é tido ainda como uma criança, levando à misantropia, ou seja, uma desconfiança sobre tudo o que o cerca.

Neste sentido, a obra de Ramos, como afirma o próprio autor no prólogo à terceira edição, se trata de “um ensaio de caracterologia<sup>3</sup> e da filosofia da cultura” (Ramos, 1999, p. 10), ou seja, o autor pretendia estudar a história mexicana, a fim de encontrar uma teoria que esclarecesse a personalidade do homem e da cultura local. Para tanto, o intelectual discute a influência da cultura francesa e da cultura *criolla* para a formação do perfil da cultura mexicana.

Neste sentido, buscamos analisar quem seria este *pelado* - termo que descreve a camada insurgente advinda do crescimento urbano dos anos 1920 e 1930 no México, designando os favelados, camponeses, desempregados e indígenas, que, segundo o governo, representavam uma ameaça para a sociedade mexicana, uma vez que, grande parte, se voltava

---

<sup>2</sup> Raúl Arreola Cortez, 2006.

<sup>3</sup> Caracterologia é a ciência dos caracteres humanos, ou seja, um estudo do caráter ou da personalidade humana.

para a prática de atitudes criminosas. Buscamos entender quais são suas atribuições na sociedade mexicana do início do século XX, a razão desta denominação e quais as consequências que este sentimento transmitiu para a construção da identidade mexicana. Neste sentido, é interessante ressaltarmos a análise que Ana Luiza Ferreira faz sobre a mestiçagem do *pelado*, na qual a autora afirma que

[...] para Ramos, o mexicano-tipo, “pelado”, híbrido, mescla das raças indígena e branca europeia, herdeiro da cultura espanhola, francesa e por demais interessado nos então prósperos Estados Unidos, poderia ser reconhecido, no período da colônia, na figura dos criollos, os quais, após a independência, teriam passado a compor a dita “classe média”. Em oposição à elite tradicional mexicana ou mesmo a muitos dos figurões do período revolucionário, é justamente tal setor aquele que receberá de Ramos um voto de confiança. (FERREIRA, 2006, p. 28)

Esse sentimento pode ter suas raízes no denominado “egipticismo indígena”, no qual este povo possuiria os limites de sua cultura determinados com tamanha rigidez e permanecendo de tal forma envolto em sua própria cultura, que isso impediria qualquer tipo de assimilação, ou mesmo aprimoramento de sua cultura, agregando valores externos. Ao exemplificar a origem desse sentimento, o autor explica que os autóctones não buscavam o desenvolvimento de técnicas superiores e, por conseguinte, o aprimoramento cultural, porque não lhes emocionava desfrutar das novidades tecnológicas, por exemplo, como o homem branco se emocionava. O indígena poderia até vir a aprender a utilizar estas técnicas, mas, frente ao tédio que seria criado, preferiria abandoná-las e retornar aos seus procedimentos primitivos, enquanto uma força externa não os obrigasse a ingressar, ainda que parcialmente, na sociedade tida como civilizatória pelos brancos.

Ao trabalhar com uma das várias vertentes culturais indígenas – a arte –, Ramos adverte que a sociedade mexicana tem por prerrogativa considerar o indígena como um mero repetidor de formas, remetendo então a um procedimento de transmissão de conhecimento, em lugar do verdadeiro artista, que seria capaz de realizar uma atividade criadora e inovadora, de forma que o indígena apenas repetiria as mesmas formas de diversas maneiras. Nesse sentido, afirma que “a arte popular indígena é a reprodução invariável de um mesmo modelo, transmitido de geração em geração. O índio atual não é um artista; é um artesão que fabrica suas obras mediante uma habilidade aprendida por tradição”. (RAMOS, 1999, p. 36) Assim, pode-se considerar que a cultura indígena – base da cultura mexicana – seria uma cultura sem características marcantes, de forma que esta teria sido influenciada pelas diversas culturas as quais teve contato.

Ramos afirma que foi a partir de uma revisão crítica da cultura europeia que as “raças de cor” passaram a possuir algum valor, uma vez que antes eram totalmente desprezadas. Segundo esta revisão, não seria a mestiçagem a responsável pelo melhoramento ou degeneração de uma raça, mas a maneira com que a sociedade via estas “raças”, de forma a exaltar – segundo Ramos de forma exagerada – a personalidade individual ou coletiva. Neste sentido, o autor explica que os problemas que estariam na raiz deste sentimento não se deviam a uma deficiência da raça, mas sim à excessiva ambição dos pequenos grupos de liderança nacionalistas que comparavam os problemas mexicanos a níveis de países tidos como mais desenvolvidos. Ramos é claro ao afirmar que,

[...] deve considerar-se também como uma reação contra o sentimento de inferioridade o idealismo utópico dos mexicanos livres, que pretendem implantar no país um sistema político com todas as perfeições modernas, sem ter em conta as possibilidades efetivas do meio ambiente. [...] A realidade, ao iniciar a Independência, era esta: uma raça heterogênea, dividida geograficamente pela extensão do território. Uma massa de população miserável e inculta, passiva e indiferente como o índio, acostumada à vida ruim; uma minoria dinâmica e educada, mas de um individualismo exagerado pelo sentimento de inferioridade, rebelde a toda ordem e disciplina. (RAMOS, 1999, p. 40)

Essas considerações nos permitem perceber que este sentimento de inferioridade têm suas raízes antes nos europeus que para o México mudaram-se, do que propriamente nos mexicanos, uma vez que, ao estarem no poder, visavam a transformação do México em um país com características europeias. Porém, ao perceberem que esta transformação não se efetivava de modo completo, essas minorias passaram a encarar essa debilidade mexicana como um sinal de fraqueza e inferioridade frente aos conhecimentos dos europeus, uma vez que o território e a população mexicana seriam os responsáveis, então, por se encontrarem nesta situação. Frente à frequência com que escutavam que a culpa das mazelas sociais era dos próprios mexicanos – uma vez que, teoricamente, o europeu estava ali para levar a modernidade – esta visão inferior começou a se inculcar na personalidade mexicana, tornando-se assim, a característica mais elementar da identidade nacional, uma vez que estes passariam a colocar esta inferioridade como obstáculo para a conquista de novos objetivos.

Remetendo-se à teoria de Alfredo Adler, Ramos enfatiza que:

[...] tem falado antes do sentido de inferioridade na nossa raça, porém ninguém, que saibamos, se tem valido sistematicamente desta ideia para explicar nosso caráter. [...] Deve-se supor a existência de um complexo de inferioridade em todos os indivíduos que manifestam uma exagerada preocupação por afirmar sua personalidade; que se interessam vivamente por

todas as coisas ou situações que significam poder, e que tem uma ânsia imoderada de predominar, de ser em tudo os primeiros. [...] Ao nascer, o México encontrou-se em um mundo civilizado; [...] se apresentava na história quando já se imperava uma civilização madura, que apenas a metade pode compreender um espírito infantil. Desta situação desvantajosa, nasce o sentimento de inferioridade que se agravou com a conquista, a mestiçagem e até pela magnitude desproporcionada da Natureza. (RAMOS, 1999, p. 51)

Ramos não afirma que o mexicano seja inferior por natureza, mas que se sente inferior, uma vez que, na maioria dos mexicanos, esse sentimento é uma mera refração coletiva advinda do fato do mexicano ter como referência, valores mais altos que o normal, ou seja, incorpora elementos comparativos de países que se encontram em tal grau avançados, que o mexicano se sente inferior perante estes. Afirma também que, em raros casos, este sentimento se traduz em problemas reais, orgânicos ou psíquicos. Com isso, ironicamente, reitera que, caso o leitor local discordasse de sua tese, este estaria comprovando-a com sua atitude, uma vez que seria sinal de que se sentia injustiçado e, portanto, inferior frente a estas considerações.

O autor ressalta que este sentimento não é único e exclusivo do mexicano, sendo encontrado como uma “anormalidade psíquica” nos mais diversos povos. Contudo, a diferença reside no fato de que, nos outros povos, este sentimento ocorre em raros casos individuais, sempre limitados, enquanto que no México, assume características e limites grupais.

Influenciado pelas discussões sobre o lugar dos *pelados*, nas quais a opinião do governo era de que os mesmos eram parte segregada da nação mexicana e constituíam ameaça para a sociedade, Ramos os considerava como símbolo da identidade nacional, como representantes dos detritos humanos da cidade grande. Para o autor, o *pelado* é “o melhor exemplar para estudo [...], pois constituiu a expressão mais elementar e bem desenhada do caráter nacional.” (RAMOS, 1999, p. 53).

A personalidade do *pelado* se refletia num indivíduo rude, explosivo e agressivo, que se refugiava como um animal de forma que, para salvar-se, apelava para a ferocidade com o intuito de assustar aos demais, fazendo crer que era mais forte. Segundo Ramos, tal reação seria uma retaliação a sua vida real, na qual era considerado como um “zero a esquerda”. Afirma também que toda força externa que o provocasse e demonstrasse sua fraqueza, resultaria em uma atitude violenta visando a sobreposição a tal força. O *pelado* “necessita de um ponto de apoio para recobrar a fé em si mesmo, mas como está desprovido de todo valor real, tem que supri-lo com um fictício” (RAMOS, 1999, p. 54). Dessa forma, descobria sua “salvação”: a virilidade, ou seja, imaginava-se viril enquanto o seu oponente era imaginado

afeminado, sendo, portanto, uma maneira de buscar a afirmação de sua superioridade. Ramos explica que essa suposta virilidade nada mais era que uma forma de despistar sua verdadeira personalidade, de forma que, quanto maior as manifestações de virilidade, maior seria a debilidade que o *pelado* tentava esconder.

Essa inferioridade do *pelado* não advinha do fato deste ser mexicano, mas sim de ser proletário. Porém, percebe-se que havia uma relação entre a masculinidade e a nacionalidade, o que, segundo Ramos, criava o erro de que a virilidade fosse a característica mais marcante do mexicano. A maneira com que o mexicano expressava seu patriotismo – aos gritos e palavrões – e a frequência destas manifestações seria um retrato da insegurança da nacionalidade. E isto se encontrava até mesmo nos mexicanos cultos da burguesia.

Abelardo Villegas, em seu livro *La Filosofía de lo Mexicano*, ao fazer uma análise sobre o *pelado*, adverte que a obsessão fálica do mexicano – essa vontade de exacerbar sua masculinidade em tudo – não está ligada, assim como na Antiguidade, à fecundidade e à vida eterna, mas à ideia de poder. Segundo o autor, esta atração pelo fálico se acentuou na Revolução Mexicana, pois esta reacendeu no mexicano os instintos masculinos, tornando estes intrínsecos à ideia do movimento contestatório. A imitação e o nacionalismo são frutos, ainda que artificiais, do sentimento de inferioridade, de forma que estes se enquadram nas mesmas características do sentimento, que, juntamente com a valentia, servem como disfarce para o verdadeiro ser mexicano.

Porém, o *pelado*, para Ramos, não era um homem forte nem valente, passando-nos uma impressão falseada, como uma camuflagem que vestia para esconder suas reais características, uma vez que temia que sua verdadeira personalidade viesse à tona, de forma que, por este motivo, desconfiava de toda e qualquer pessoa, inclusive de si mesmo. Essa desconfiança era uma característica de tal forma intrínseca, que era também irracional, tornando-se uma forma *a priori* de sua personalidade. Mesmo que não haja fundamento para tal desconfiança, o mexicano desconfia, pois, segundo Ramos, de uma forma geral, este carece de princípios.

Uma das consequências desta desconfiança seria, segundo Ramos, o não planejamento do futuro, pois, o mexicano desconfia de tudo o que ele não possa ver, e como os planos para o futuro não são palpáveis, o mexicano preocupa-se somente com o hoje e o amanhã imediato, deixando de lado o depois. Esta atitude é chave para exemplificação do não desenvolvimento do *pelado* e sua consequente estagnação social e cultural – frente aos europeus. Para Ramos,

[...] é impossível pensar e trabalhar ao mesmo tempo. O pensamento supõe que somos capazes de esperar, e quem espera está admitindo o futuro. É evidente que uma vida sem futuro não pode ter norma. Assim, a vida mexicana está a mercê dos ventos que sopram, caminhando à deriva. Os homens vivem à vontade de Deus. É natural que, sem disciplina nem organização, a sociedade mexicana seja um caos no qual os indivíduos gravitam ao azar como átomos dispersos. (RAMOS, 1999, p. 59)

Ao nascer em um mundo civilizado, seria impossível aos americanos traçarem seu próprio caminho e não aproveitar as rotas anteriormente traçadas pelos europeus. O objetivo espanhol ao colonizar o novo continente, em especial o México, não visava, a princípio, o povoamento, visto que a Espanha não estava com excedente populacional, mas sim, segundo Ramos, explorá-la. Por isso, seria normal que uma quantidade mínima de homens vivendo em um território com proporções continentais, se sentisse inferior perante a natureza:

[...] nestes pontos isolados de vida civilizada, a raça perde seu dinamismo aventureiro ao passar da ação à vida conventual da Colônia. [...] o homem não era o mesmo, pois o índio havia alterado sua fisionomia branca com um matiz de cor. Vivia em outra terra, respirava outra atmosfera, olhando outra paisagem; em suma, habitava um mundo novo. [...] não é europeu, porque vive na América, nem é americano porque o atavismo conserva seu sentido europeu da vida. (RAMOS, 1999, p. 34)

Essa inferioridade poderia ter suas raízes inferidas também na passividade do indígena, onde o autor considera que esta não fosse resultado de sua escravidão. Pelo contrário, talvez o índio tivesse sido escravizado porque já não possuía um espírito lutador, mas sim passivo. Isto porque, segundo o autor, desde antes da Conquista, os indígenas eram contra qualquer tipo de inovação, cultuando a rotina e os seus costumes.

Um autor que contesta essa visão da passividade do indígena é Héctor Bruit, que, em seu texto *América Latina: Quinhentos anos entre a Resistência e a Revolução*, ao remeter-se à Tzvetan Todorov, se utiliza da expressão *Tese do Silêncio* para explicar que esta passividade seria muito mais uma forma de resistência indígena, de forma a visar a defesa de seu território, de sua cultura, de sua língua, do que propriamente uma preguiça inata ou uma inaptidão ao trabalho, como é frequentemente exposto. Nesse sentido, o silêncio seria a consequência da inadequação do indígena ao sistema, levando a uma ruptura da comunicação.

Ramos reitera que o indígena, por mais passivo que pudesse ser, influía significativamente na vida cidadina mexicana, uma vez que, sendo parte majoritária da população nacional, criava relações de influência com mestiços e brancos através do sangue. Ainda que se considere tal passividade, sua intervenção não deixava de ser importante, uma vez que este grupo possuía o que Ramos denomina de “substâncias catalíticas”, no qual o

indígena provocava reações entre os grupos sociais, apenas estando presente, mesmo que não intervenha diretamente. Ramos os exemplifica como um “coro que assiste silencioso ao drama da vida mexicana” (RAMOS, 1999, p. 58).

Diante desta inferioridade, o mexicano buscava uma aproximação com as características civilizatórias europeias, visando sentir-se como europeu e, para tanto, criava grupos fechados em suas cidades de forma a considerar-se superior a todos os mexicanos que vivessem fora desta realidade.

Tendo ciência de que suas ações são consideradas inferiores, – por europeus e mexicanos – o mestiço assume, inconscientemente, a atividade do mimetismo, buscando uma aproximação com a Europa e sua civilização. Neste sentido, Ramos afirma que a principal atividade deste seria a imitação irreflexiva e o país que serviria de modelo para tal seria a França, pois esta:

[...] chamou a atenção dos mexicanos por suas ideias políticas, através das quais o interesse se generaliza a toda a cultura francesa. A paixão política atuou na assimilação desta cultura, do mesmo modo que antes a paixão religiosa [atuou] na assimilação da cultura espanhola. (RAMOS, 1999, p. 41)

Ramos justifica essa “atração” pela França, explicando que a “cultura francesa tem-se formado como uma continuação do Humanismo” (RAMOS, 1999, p. 47), considerando, portanto, qualquer ato humano como cultura. Como a França era um exemplo a ser seguido, os mexicanos se esforçavam em adquirir os conhecimentos franceses, inclusive a língua<sup>4</sup>.

De acordo com o autor, os mexicanos estavam praticando essa imitação irreflexiva do europeu de modo vicioso, levando ao desprezo de sua própria cultura. Esse mimetismo seria inconsciente e estaria associado a uma psicologia do mestiço, de forma que este imitaria porque entende o que é a cultura e valoriza a cultura estrangeira como sendo melhor; afinal, o mexicano é inculcado de um sentimento de inferioridade que o leva a depreciar sua própria cultura e, ao absorver a outra, se liberta deste sentimento como um mecanismo de defesa. Por essa concepção, estaria praticando uma cultura que não é considerada inferior, sendo seu nacionalismo, portanto, artificial. Contudo, para o autor, criar um mexicanismo puro seria igualmente artificial, “porque isto supõe que se possa obter algo do nada, a menos que se pretenda reinventar de novo todo o processo da cultura, começando pela era neolítica.” (RAMOS, 1999, p. 67)

---

<sup>4</sup> Segundo Ramos, o conhecimento do francês era condição indispensável para uma pessoa ser considerada culta.



Abelardo Villegas ao explicar o sentimento de inferioridade afirma que a imitação que o mexicano promove

[...] não reside unicamente em querer adotar o estranho porque lhe parece melhor, mas que este querer adotar o estranho também supõe uma crença ou certeza na qual a realidade a que se quer inserir a adoção resiste a tal adoção. No caso concreto dos mexicanos, se o que se quer é imitar os mais altos valores de outra cultura, se supõe, em certo modo, que estamos capacitados para realizá-lo, implicando assim que estamos à altura dessas grandes nações e que nossa realidade é tão adaptável a esses valores como são as das outras nações. (VILLEGAS, 1960, p. 122)

Em outras palavras, o mexicano, ao imitar, quer demonstrar que sua realidade é tão desenvolvida quanto a realidade das grandes nações. Porém, ao realizar tal comparação, a faz porque sente-se inferior e duvida de sua própria realidade, de forma que imita visando ocultar esta dúvida e a inferioridade. Por este motivo, Villegas ressalta que, para Ramos, o defeito não se encontra na cultura mexicana, mas na busca pela imitação que oculta o verdadeiro mexicano.

Ramos afirma ainda que, devido à carência de uma cultura propriamente mexicana, não se pode afirmar se existe ou não, uma cultura nacional. Isto porque a cultura estrangeira havia sido uma fuga espiritual para vários mexicanos, levando-os a uma auto-denigração, ou seja, uma desvalorização do México pelos próprios mexicanos.

Em seu livro, Ramos nos concebe uma definição sobre o *pelado*, na qual este seria um individuo que leva sua alma ao descoberto, sem que nada esconda em sua fonte mais íntima. Após essas considerações sobre o *pelado*, Ramos explicita a estrutura e o funcionamento mental do *pelado*, a fim de entender como este integra a personalidade do mexicano.

Neste sentido, o *pelado* possui duas personalidades: a real e a fictícia. A real é aquela que é oculta pela fictícia, uma vez que esta é a que se sobressai diante do *pelado* e dos demais. Essas personalidades são opostas, uma vez que a fictícia é um mecanismo de defesa para encobrir a real personalidade mexicana e o sentimento de inferioridade. Contudo, a personalidade fictícia não possui uma base real, levando o mexicano a desconfiar de si mesmo, o que produz uma deturpação da percepção da realidade. Esta deturpação leva a uma desconfiança de todos, assim como a uma aversão ao contato humano. Como o *pelado* incorpora mais características fictícias que reais, vivendo assim, uma realidade falseada, ele deve se vigiar para que não entre em desacordo consigo mesmo. Neste sentido, segundo Ramos, o *pelado* pertence ao grupo dos introvertidos, tamanha utilização de seu ensimesmamento como mecanismo de defesa.

Por fim, o autor nos mostra características do *pelado* e suas interações na sociedade, os efeitos de sua existência para o ser mexicano, mas não nos oferece soluções precisas sobre o caso deste grupo, uma vez que esta parece ser tarefa de difícil realização. Não afirma que a imitação seja característica apenas do mexicano. O problema, segundo o autor, é que não existem sociedades que vivam isoladamente – no sentido de interações culturais. A diferença entre o mexicano e as populações dos outros países reside no fato de que os outros povos tem consciência de que são influenciados e que também influenciam, mas nunca perdem suas características vitais, de forma que a influência externa torna-se uma ficção, um acréscimo de características que podem ou não ser seguidas. Por sua vez, o mexicano não se dá conta de que esta imitação é, na realidade, fictícia, incorporando-a como verdade absoluta, e, caso descubra que é uma mentira, deixa de viver esta ficção, de maneira que, ao tomar ciência de quem ele é, tanto o perfil do homem quanto o perfil da cultura mexicana irão se delinear por si sós.

## Referências Bibliográficas

- ANAYA, Mario Magallón. *Samuel Ramos y su Idea de Cultura en México*. In: Temas de Ciencia y Tecnología. Vol. 11, septiembre – diciembre 2007. PP. 13 – 22.
- BITTENCOURT, Libertad Borges. *O Crisol Americano e as Identidades Nacionais: o lugar das Américas no pensamento hispano-americano nos séculos XIX e XX*. 2010.
- \_\_\_\_\_. *Indigenismo e Nacionalidade na América Latina*. In: História Revista: Revista do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História / UFG. v. 10, 2005. pp. 135 – 151.
- BRUIT, Héctor Hernan. *América Latina: Quinhentos anos entre a Resistência e a Revolução*. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 10, nº 20. pp. 147 – 171.
- CORTÉS, Raúl Arreola. *Samuel Ramos: La Pasión por La Cultura*. Versão eletrônica disponível em: <http://dieumsnh.qfb.umich.mx/samuelramos.htm> - Acesso em: 04 de julho de 2012.
- DIAS, Stéfanny Soares de Menezes. Manuel Gamio e Samuel Ramos: Perspectivas Acerca do Indígena na Construção da Identidade Nacional Mexicana Pós-Revolução de 1910.
- FERREIRA, Ana Luiza de Oliveira Duarte. *Debatendo Estratégias de Abordagem do Conceito de Iberismo, através da análise das obras-clássicas do mexicano Samuel Ramos e do brasileiro Sérgio Buarque de Holanda: El Perfil del Hombre y la Cultura en México (1934) e Raízes do Brasil (1936)*. Dissertação de Mestrado, UFJF, 2006. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2009/12/Ana-Luiza-Ferreira.pdf> - acesso em 10 de setembro de 2012.
- GAMIO, Manuel. *Forjando Patria*. México: Editora Porrúa, 4º edição, 1992.
- GASPAR, Maria del Carmen Rovira. *Samuel Ramos ante la condición humana*. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/critica/generales/C-H/mexico/ramos.htm> - Acesso em: 04 de julho de 2012.

- HERNÁNDEZ, Martín García. *El Concepto de Cultura*. Disponível em: <http://librio.izt.uam.mx/~martino/download/Comparaciones%20del%20concepto%20de%20Cultura.pdf> – Acesso em: 04 de julho de 2012.
- MÉXICO. Constituição (1917). *Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos*. Promulgada em 5 de fevereiro de 1917. Disponível em: <<http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/1.pdf>>. Acesso em: 21 de setembro de 2010.
- MIZIARA, Vitor Gomez. *Visões Mexicanas acerca do Bicentenário de Independência Mexicana*. Projeto de Mestrado em desenvolvimento pela Universidade Federal de Goiás – 2012.
- RAMOS, Samuel. *El Perfil del Hombre y la Cultura en México*. México: Editora Espasa, 1999.
- VILLEGAS, Abelardo. *La Filosofía de lo Mexicano*. Fondo de Cultura Económica, México, 1960.
- VALLE, Agustín Basava Fernández Del. *Samuel Ramos – Trayectoria filosófica y antología de textos*. Centro de Estudios Humanísticos de la Universidad de Nuevo Leon. México, 1965.